

FELIS E NOVO

FELIS E NOVO

ON TEXTO 98,

Paulo Roberto Rocha

(6)

P E L I E A N O N O V O

1 ato de PAULO ROBERTO ROCHA

Escrito no verão 81/83

PERSONAGENS

- Caário - Chefe da Residência - Professor Universitário e Escritor de Fôleas
- Margot - Mulher de Caário - Tradutora Desempregada
- Bacunha - Cientista amigo do casal - Cientista da Universidade para Pesquisas
- Miriam - Mulher de Bacunha - Professora de Sociologia
- Américo - Assaltante - Líder do Bando
- Vampiro - Assaltante
- Sandrinha - Assaltante - Motorista do Bando

Caário:

Sala de estar conjugada com jantar e bar. Arquitetura com temporária com muito cromado, acrílico e neon. O teto rebaixado em vários planos é executado com placas de gesso e acrílico em cores. As móveis são de muito bom gosto. Dois televisores, um de costas para o outro, situados no procedimento fornecem imagens para a cama e para a platéia. Janelas de vidro parecem modernas janelas de ônibus. No primeiro plano já elevado em praticôles está a sala de estar. Ao fundo, a sala de jantar em plano mais alto, é ladeada a direita pelo vestibulo íntimo e a esquerda pelo hall de entrada. Mais ao fundo ainda, do lado esquerdo, o bar com uma iluminação muito especial.

(Mira o pano, Margot está em casa montada no sofá. Traja um robe felpudo azul muito bonito e sensual. Suas pernas e coxas aparecem a todo momento. Margot está com os cabelos molhados e enrolados numa toalha de banho também azul. Descala-se com as pés sobre o sofá, mexe constantemente nas unhas das pés enquanto fala ao telefone. Ela fala alto porque o som do toca-discos também está muito alto).

MARGOT - ... é ... e idea tinha me falado, mas eu não souz dizer!

TEREIA - (As falas de Tereia ao telefone não são ouvidas pela platéia. Servem apenas de sub-texto para Margot) ... Duas escritas... Uma no banheiro e outra no quarto.

MARGOT - No banheiro?! Botaram escrita no teu banheiro?...

TEREIA - Elas sabem que não tomamos banho juntos.

MARGOT - E vocês conversam política no banheiro?:::

TEREIA - As vezes. Mas elas devem ter ouvido umas boas sacanagens...

MARGOT - (Ela) - É o mais provável com vocês dois no banheiro...

TEREIA - Se eu soubesse que tinha escrito elas iam morrer.

MARGOT - E eu?! ... E eu?! ... Elas iam ouvir a maior história de sacanagens que já pioteu na espionagem...

TEREIA - Eu fazia a fita chegar no Presidente...

MARGOT - Imagina?! Você sabendo que o Presidente ia ouvir aquilo?! Eu fazia até roteiro...

TEREIA - Estão anunciando os discursos dele pra qualquer momento...

MARGOT - ... Algo de especial?! Não pode... O Presidente não fala de improviso... Vai falar hoje?

TEREIA - Parece coisa mais urgente...

MARGOT - É... Eu não vi nada anunciado, ele sempre avisa...

TEREIA - Não se ele vai fazer o discurso de fim de ano...

MARGOT - É pode ser... Que dia é hoje?!

TEREIA - Dia trinta.

MARGOT - Não! Então não é o dia trinta... É sempre no último dia de ano... se hoje é trinta...

TEREIA - Isso é estranho...

MARGOT - É... Tá... Deve ser urgente, então ele fala lá e que
tinha pra dizer assim...

TEREIA - Eu vou desligar, o Cesário vem chegando. Liga a TV...

MARGOT - Vou ligar...

TEREIA - Um beijo...

MARGOT - Outro pra você e pra Cesário...

TEREIA - Ele tá mandando um pra você...

MARGOT - Tchau... (Desliga o telefone. Cesário vem entrando
na sala com um monte de folhas de papel à mão, atre-
palhando-se para colocá-las sobre uma mesinha próxi-
ma do hall, onde estão distribuídas cuidadosamente
duas esculturas em marfim e um abajur de porcelana
assi da China).

CESÁRIO - ... Falando com quem?...

MARGOT - Com a Tereza...

CESÁRIO - O que ela diz?...

MARGOT - O Presidente vai fazer novo discurso.

CESÁRIO - Como novo?! O discurso do Presidente é sempre o mes-
mo!

MARGOT - Desta vez vai falar do ataque...

CESÁRIO - (Enfático) - Vamos atacar?!

MARGOT - Não!... Vamos ser atacados!

CESÁRIO - Quando?...

MARGOT - Nem o Presidente sabe.

CESÁRIO - Já sentade no sofá - Liga a televisão...

MARGOT - Ligando o aparelho que apresenta um desenho anima-
do do "Tom e Jerry". Ele vai falar a qualquer mo-
mento em cadeia nacional.

CESÁRIO - É a única hora que ele entra em cadeia.

MARGOT - Se isso foi uma piada foi de muito mal gosto. (Froeg-
rando com o olhar em toda a sala como se procurasse
onde poderia estar escondido um microfone de escuta).
Sabe que eles estão escutando... (Cesário está aban-
doado pelo desenho animado)... eles botaram escuta na
casa da Tereza... ela e o Cesário estão apavorados...
faça o favor de quando quiser fazer dessas piadinhas
faça para você mesmo... não me envolva...

CESÁRIO - Olha na TV! - Qual é a do Tom, Margot?

MARGOT - Desfilia pela sala, vai até a mesa de jantar, pega um cacho de uvas de um magnífico arranjo de frutas e volta para o sofá de olho fixo na tela do televisor. Eu não sei realmente qual é a do Tom. Ela é irritante, agressivo... já teve várias oportunidades de comer o Jerry e não comeu. Qual é a dele então?! Ficar tremendo o ambiente?... Eu se fosse o Jerry dava um basta: -, "Olha aqui o grandalhão, tu tá afim de me comer, come logo ou deixa de vez de bascar o afetado e vai descansar este teu rabo na cadeira". Olta junto ao marido e se acomoda com os pés para cima do sofá. Olha fixo no televisor como sexualmente as uvas). Eu dizia na cara dele...

CESÁRIO - Via essa cena?! Parece uma coisa de amor... Sei lá... tem algo de ambíguo...

MARGOT - É... tem alguma coisa de homossexual...

CESÁRIO - Entre rato e gato?

MARGOT - Sim, porque não?! São do mesmo sexo...

CESÁRIO - É um aspecto... (Mudando de conversa, porém ainda ligado ao desenho animado). Sabe quem está aqui?

MARGOT - Não...

CESÁRIO - Macnamar... e Mirian.

MARGOT - Na cidade?

CESÁRIO - Aqui em casa...

MARGOT - Aqui na nossa casa?! Mas como? Desde quando? Eu não sei hoje... E não vi nem Mirian nem o Macnamar.

CESÁRIO - Este filho da puta de novo...

MARGOT - (Espantada) - O Macnamar?!

CESÁRIO - O Tom...

MARGOT - (Irritada) - É o Macnamar?

CESÁRIO - Fala baixo. Estão trapando na nossa casa.

MARGOT - Váco lá?

CESÁRIO - (Olho no televisor) - Deixa eu ver o que esse puta quer agora?

MARGOT - Váco lá?

CESÁRIO - Lá, onde?! (Olho no televisor)

MARGOT - Váco lá... Dis alguma coisa...!

CESÁRIO - Eu fui ao "Censor de Conduta" hoje.

MARGOT - E ele...?

CESÁRIO - Veio com uma estória, que eu não devia ser tão óbvio... Que eu estava forçando uma barra... Que eu devia ter minha própria doseção de auto-responsabilidade...em suma, ele achava que eu não devia falar assim do Presidente...

MARGOT - (Impaciente com o noticiário da TV) - Ele vai falar ou não vai falar hoje?!

CESÁRIO - ... Ah eu expliquei para ele...

MARGOT - Você o quê?!

CESÁRIO - Expliquei...

MARGOT - Você explicou para um "Censor de Conduta"?!... Não acredito... você explicou?!... Você é um louco! É você... só você... só o professor Cesário de Alvim e Sousa... só você... explicar para um "Censor de Conduta"...

CESÁRIO - Eu expliquei que o público em geral é muito burro e que não entende as sutilezas que a fábula requer. E que se eu escrevesse para censores ou pessoas com o mesmo nível de percepção e inteligência, eu poderia escrever sutil... e que com o público leitorão se quilate eu podia qualquer nome no lugar do Presi dente e a idéia passaria da mesma forma.

MARGOT - Você falou isso para o "Censor de Conduta"?... Não! Para... não acredito...

CESÁRIO - E ele entendeu...

MARGOT - Ele topou...?

CESÁRIO - Não, ele entendeu! Entendeu mesmo. Mandou eu tirar o Presidente. Argumentou e defendeu tese, que o povo não era burro, muito pelo contrário... hiá.. hiá..hiá..hiá..hiá e no final mandou eu by tar um nome qualquer... tipo "O Grande Haroldo".

(Entra Mariana com um destes sacos que se usa para trabalhar com filmes fotográficos virgens sem expor à luz normal. Este saco, porém, não era de pano preto mas de plástico transparente e incolor. De uma bolsa à tiracolo ele pegou uma escova de sapatos e uma pequena trincha de plástico duro).

MARGOT - Oi Mãe!

- RAC - Oi Margot! Você está sabendo quem vai falar hoje?...
- MARGOT - Sabemos, o Grande Haroldo...
- RAC - O Grande Haroldo mais uma vez vai impressionar a todos com seus argumentos incompreensíveis.
- CESÁRIO - É, assim fica melhor... (Enquanto fala, sacanagem tira os sapatos de Cesário e introduz um deles no saco transparente pelo fecho-escala. Junto com os sapatos, também leva para dentro, a sacova e a trigueira. Fecha o saco, enfia os seus braços pelas mangas do saco, passando os elásticos bem para cima e começa uma operação sistemática de escovar o sapato para coletar a poeira minúscula em todos os cantos e dobras do calçado. Classifica-as, pela posição encontrada, textura e cor, nas tampas das caixinhas que já estavam dentro do saco).
- RAC - O que fica melhor;
- MARGOT - É... concordo contigo querido. Fica bem melhor!...
- RAC - (Confuso) - O que fica melhor?
- CESÁRIO - O Grande Haroldo...
- RAC - O Grande Haroldo?! O Grande Haroldo... nunca fica melhor!...
- MARGOT - Espera aí... claro que fica. (Harclética) - Vai que ver se dizer que o Grande Haroldo na televisão não fica melhor que ao vivo?...
- RAC - Assim fica, claro...! Da mesma forma que ele na China fica melhor do que aqui de nosso lado! (Beijando).
- CESÁRIO - (Convencido realmente que foi um bom negócio a troca). Fica melhor... não tenho a menor dúvida! Nota dez para o Censor de Conduta!...
- MARGOT - (Sai do colo de Cesário e vai até o bar ao fundo da sala. Prepara três "Drinks" iguais em copos longos). Isso aí! Nota dez...
- RAC - (Muito espantado com as declarações de Cesário para de escovar o sapato). Vou tentar ficar lúcido dentro desta casa...
- MARGOT - (Srita lá do bar). O que vocês bebem? (Ninguém presta atenção a Margot que, enquanto prepara os drinks vai bebendo a vontade).

- MAC** - (Espantado). Então o Grande Haroldo que sempre foi o pior... fica melhor! E o Censor de Conduta que sempre foi um sem nota... passa a ser nota dez?! (Volta a escrever o apêndice. E se vos fazer de conta que entendi... afinal de contas a casa é de vocês.
- MARGOT** - (Chegando com os drinks. Entrega um a Cássia e leva outro ao Macanaco). Aceita um drink? (Já quando lhe estende a taça é que nota a gafe. Macanaco, com as mãos ocupadas dentro do saco, espreme-se a gentilizar). Tudo bem! Eu bebo o teu.
- CÁSSIA** - (Chamando a atenção para o aparelho de televisão). Olha lá... o Grande Haroldo vai falar. Já um sem Margot...
- MARGOT** - (Largando as duas taças em cima da mesinha de centro e pegando o controle remoto que está sobre o sofá, sempre de olho fixo no televisor). É sobre o ataque..
- MAC** - Sobre o ataque...? Que ataque?
- MARGOT** - (Aumentando o volume)... vamos ser atacados.
- VÍDEO** - (Apresentador)... em cadeia nacional para todo o país, a palavra do Grande Haroldo, sobre as ameaças que pairam sobre nossa soberania. Para toda a Pátria, a palavra de sua Excelência... O GRANDE HAROLD.
- VÍDEO** - (Grande Haroldo). Boa noite povo da minha Pátria! Vos falo hoje em caráter muito especial. Não poderia deixar para amanhã, quando do meu discurso habitual de fim de ano, para informá-los da gravidade dos fatos que estamos vivendo, em virtude da intolerância do nosso antigo aliado, hoje nosso declarado inimigo. Conhecemos o poderio bélico deles. Sabemos que é bem superior ao nosso. Mas sabemos também que nosso povo é mais valeroso. (Vibrante). Ainda não fomos atacados... mas a expectativa do ataque está deixando a nação tensa... (ameaçador). E o inimigo não pode avaliar a nossa fúria quando temos...
- MAC** - Boa, Grande Haroldo!
- (Cássia e Margot olham espantadas para Macanaco).
- VÍDEO** - (Grande Haroldo). Neste momento, de aflição nacional, quero conchamar todo o povo a se preparar para o pior... mas que tenhamos de transformar no melhor!

(No vídeo uma grande manifestação pública de mais de vinte e cinco mil pessoas, aplaudindo o discurso de Grande Haroldo em frente ao Palácio). Com a nação unida, será certa a nossa triunfal vitória sobre o inimigo!

MAC - (Que fixo na TV recorre o sapato automaticamente). Isso, vamos acabar com eles.

(Celestio e Margot estão muito espantados com as manifestações de Mecanacci).

G.HAROLD - Arrasaremos o inimigo como quem esmaga... (Procura uma imagem figurativa e custa achar)... como quem esmaga... esmaga... (olha a sua frente e vê uma moça sobre a mesa)... uma moça! (dá um tapa sobre a mesa de mão aberta com imensa violência. A moça sai voando). Eles vão experimentar nos acabar!... Agora que já sabemos as razões alegadas para o ataque sabremos nos defender com nossas vidas...

MARGOT - (Gritando para a TV). É a ONU?...

G.HAROLD - ... e as vidas dos nossos filhos...

MAC - É isso aí...

G.HAROLD - ... e de quantas gerações se fizerem necessárias para a vitória total!

CELESTIO - (Que já havia bebido o seu drink começa a beber o segundo que pega sobre a mesinha. Margot corre ao bar e se serve de mais um drink rapidamente). Este cara é um palhaço....!

G.HAROLD - Fomos escurpados de mais tanto dos direitos. Então nos impõe uma política que não nos permite usar nomes "off-lising" internacionais.

Eles estão tentando descontrolar os meios de alimentação linear que se busca respeitar para os países do bloco Delta. Desprezam o pacto de Ambrósia como se seus signatários fossem moleques... chefes de "gangs" de adolescentes... mas esse tipo de atitude não nos intimida nem inibe nossa projeção agressiva de "open-open" e "turn-back" em direção aos países que se protegem sob o manto do "recursos mundial das reservas de baba miseráveis". (Para a fala para beber água).

CESÁRIO - É o de sempre... uma conversa que não segue sig-
nala...

NAC - Ele tá certo...

APRESENTADOR - Estamos ouvindo em urgência a palavra de Sua Ex-
celência, o Grande Haroldo em transmissão via té-
levisão e rede nacional para todo o país.

Um cenário de entrevista junto com G. Haroldo!.

- Senhor Grande Haroldo, a telespectadora Margot
Lacerda de Alvim e Sousa, residente em Governador
Marco Aurélio, pergunta porque o país não recorre
a ONU antes de recorrer as armas?

MARGOT - É... Por quê?...

G. HAROLD - Não tenho o mínimo pudor em recorrer a ONU. Não
existe nenhum temor em ir a ONU. Posso até fa-
zer um discurso aliando a ONU. Posso até levar
o meu abraço a ONU... Mas o que o nosso mercado
externo de armamentos passados ganharia com isso?
O que a nação ganharia com isso?... Onde ficaria
o nosso desenvolvimento bélico se não tivermos a
oportunidade de exercitá-lo.

- (A porta da sala abre bruscamente e entram dois
jovens. O primeiro a entrar veste um calção lar-
go de futebol, camisa de malha e tênis. Na cabe-
ça, usa um gorro feito com meia da mulher, tráz
uma bolsa de pano e tiracolo. Na mão direita um
revólver calibre trinta e oito e na esquerda uma
espingarda de dois canos serrados. O segundo é
um cricúlo sem os dois dentes da frente da arca-
da superior, que veste calça jeans, camisa de fl-
ize e tênis. Nas mãos carrega duas pistolas-ag-
renta e cinco e a tiracolo uma metralhadora).

AMARELO - Quietos! Isso é um assalto!

- Há um breve espaço branco num espanto geral.
Por segundos a cena pára.

MARGOT - (Desliga o televisor com a rapidez de um pisto-
leiro, usando como arma o controle remoto. Ao
continuar assapra, com seus gritos, os marginais
porta-a-fora junto com alguns elementos leves da
decoração, mais as folhas de papel dos escritos
de Cesário).

- Fora!...Fora!... Já para fora!... Fora!... (Há

- um tempo... se recompõe... vai até a porta que bateu atrás deles e fecha com a chave. Volta com visível gosto de vitória).
- MAC - (Para Margot)- Porque você desligue o televisor?
- MARGOT - São duas coisas diferentes. O Grande Haroldo não combina com marginais assaltantes...
- CESÁRIO - Combina sim!
- MARGOT - Vai começar?!
- CESÁRIO - (Como se a paródia de Margot) - Cegona...? Li-
ga a TV....
- MARGOT - Não! Chega de TV... vamos ser invadidos mesmo...
- MAC - Eu também não quero saber. Prefiro estar desig-
formado.
- CESÁRIO - A melhor maneira de estar desinformado é ouvindo
o Grande Haroldo.
(Bate porta).
- MARGOT - Vamos dar um tempo. Depois da novela a gente
liga de novo.
- (Entra Mirian vestindo uma calça jeans apertadíssima e uma blusa curta amarrada com um nó. Não usa sutiã e seus peitos querem saltar fora da blusa. Tem o frescor de quem sai de um banho. Seus cabelos estão secos e soltos. Calça uma sandália alta, casinha marrom e tem uma correntina de ouro amarrada ao tornozelo esquerdo. Volta-se tem parte ao Cesário e lhe dá um beijo no rosto).
- MIRIAN - Oi Cesário... oi Margot!...
- MARGOT - Oi Mirian... que bom que você veio! Assim estão
todos juntos na invasão!
- MIRIAN - Vamos invadir quem?
- CESÁRIO - Vamos ser invadidos.
- MARGOT - Vamos não!... já fomos...
- MIRIAN - (Achando que era uma indireta para a chegada de
ela e de Mac à casa dos Alvim e Souza. Virique-
se ao Mac). Isso é comoco?! Eu tenho a sen-
sação de estar recebendo uma indireta...
- CESÁRIO - Ela está falando dos marginais...
- MAC - ... que ela repulsa com um vendaval de "fome",

- MIRIAN - (Tentando botar ordem na sua confusão mental. Vamos fazer assim: eu entro de novo... não li-go... e depois eu entendo.
- RAC - Não precisa entrar de novo. Fica aí e finge que está entendendo... eu também estou assim... aliás, para ser franco, tem muita gente assim... é e que tem mais...
- CESÁRIO - (Levanta-se, vai para atrás de um pequeno biombo chineês de um metro e trinta de altura. O biombo é uma peça de arte, pertencente ao Imperador Chinês Lee Fingpin da nona dinastia coreana). Mirian... você quer ver o que eu descobri essa manhã quando tirei o pijama?...
(Todos olham para ele interessados. Mirian se aproxima do biombo, vagarosamente, enquanto li-xa as unhas).
- MIRIAN - Você descobriu uma coisa nova em você? Não acredito!
- CESÁRIO - Vem aqui atrás ver.
- MIRIAN - (Passando também para trás do biombo) - Mostra, estou curioso...
(Mas sempre esboçando os sapatos, observa a es-cena incrédulo, enquanto Margot prepara quatro drinks na bar sem prestar atenção aos dois que conversam atrás do biombo).
- CESÁRIO - (Abaixando as calças) - Pô! da cara, tirei o pi-ja-ma e quando eu chei aqui para banho...
- MARGOT - (Com os quatro drinks sobre o balcão da bar). Rac... você vai querer um?...
(De atenção fixa na cara do biombo enquanto es-boça o sapato automaticamente). Dois...
- CESÁRIO - (Com as calças abaixadas, inclina os quadris pa-ra frente e mostra a novidade para Mirian ao mesmo tempo que tenta ver melhor)... e vi isso aqui... assim... de uma hora para outra...
- MIRIAN - (Deslumbrada e de olho fixo abaixo da cintura de Cesário). Lindo! Maravilhoso! Simplesmente ma-ravilhoso! (Tempo. O que é isso??)
- RAC - (Para Margot em tom irônico, enquanto tira um dos braços de dentro do saco para pegar o drink).

Ela não sabe o que é isso?

- CESÁRIO - Não sei... eu nunca tinha notado.
- MARGOT - (Agora com atenção na cena do biscoito faz o jogo do Mac). Ele nunca tinha notado, Mac.
- MIRIAN - Quem fez isso?...
- MARGOT - (Passando um drink para Mirian por cima do biscoito). Ora... quem fez?!,...
- MIRIAN - (Para Margot) - Você já conhecia?
- MARGOT - Claro queridinha. Ele é meu marido... não é?!
- (Passa o drink para o Cesário e vai sentar emburrada perto de Mac).
- MIRIAN - Você nunca me falou...
- MARGOT - Agora eu tenho que estar fazendo propaganda do meu marido?!... Alguns vez você me falou do teu?!,...
- CESÁRIO - É diferente...
- MARGOT - (Mais emburrada) - É claro que é diferente, não existe um igual ao outro.
- MIRIAN - Você está brincando... eu pelo menos nunca tinha visto nada igual!
- MAC - (Que bebeu seu drink numa ad virada de espota). Vamos deixar Mirian, você está me colocando na posição muito desagradável.
- CESÁRIO - (Para Mirian, sem se importar com as comentários). O que você acha que pode ser?
- MIRIAN - Brilhante?...
- CESÁRIO - Brilhante eu sei que é...
- MARGOT - Convencido...
- MAC - (Para Margot) - Liga o televisor...?!
- CESÁRIO - O que será isso...?
- MAC - Você não sabe?!
- MIRIAN - (Não acreditando que ela possa saber) - Você sabe?!...
- MARGOT - (Indolente) - Não... aqui ninguém sabe.
- MAC - (Levanta-se visivelmente irritado e vai espionar atrás do biscoito) - Agora eu fiquei curioso. Quero saber que coisa diferente temos aí...

Miriam correu se espantou assim com os meus atributos.
(Espia por cima do bico) - Que loucura...! O que
é isso Casário?!!

MARGOT - Também não é assim...

MIRIAM - Como não é?

CASÁRIO - Ela ainda não conhece...

MARGOT - Como não conhece. O que que heve?! Compreu um novo?...

CASÁRIO - Apareceu esta noite... eu só notei essa manhã...

MAC - (Passando o braço por cima do bico) - Está gruda do?!

MARGOT - Por que não?! Nunca vi noite...

MIRIAM - Deve valer uma nota!

MARGOT - Não está a venda.

CASÁRIO - É bom você vir aqui dar uma olhada. Você está falando do que não viu...

MARGOT - (Dá um salto da poltrona e correndo chega ao bico por onde espia por cima) - Que estária é essa?
(Para espantada) - Que loucura...! (Conterne rapidamente o bico e se abala desaparecendo atrás dele).
Que coisa linda! Como foi isso?!

CASÁRIO - Foi essa noite. Eu tive um sonho que não parecia um sonho. Era como se eu estivesse acordado acordado... eu... sei lá... uma alucinação... (Suspensa as calças e sai detrás do bico e caminha até a poltrona seguido pelas trás)... mas uma alucinação gostosa e com conseqüências reais... de verdade. Quer dizer... foi um sonho, mas uma parte do sonho não ficou no mundo da ficção e passou para o mundo real. Um sonho com marca registrada!

MARGOT - Você sonhou e quando acordou estava com esse nódo de brilhante encrustado na sua perna?!!

CASÁRIO - Exatamente... foi isso aí que aconteceu... (Pega o controle remoto e liga o televisor. Está passando Tim e Jerry. Ele deixa ligado o aparelho sem som)... Eu estava na fazenda do Grande Haroldo. Bonito... a fazenda estava deserta... a luz era incrível... parecia iluminada com refletores sem por-do-sol amarelado.

De repente eu já estava montado no cavalo do Grande Haroldo. O cavalo chamava-se o Grande Haroldo... então eu vi... bem longe... (preendo a cena diante dos seus olhos). Por cima de uma colina lá no infinito. Uma luz incrível... nada do que já vi de luz. Não era a cor diferente ou a intensidade da luz... era a própria concepção da luz! Não sei explicar. Era uma coisa parecida com luz, mas com toda certeza aquilo não era uma luz... uma luz como conhecemos... aquilo irradiava não só cor, luz... espectros luminosos. As vibrações na pulsação da intensidade obedeciam uma harmonia rítmica transmitindo uma sensação agradável de sinfonia. A felicidade enchia todo o espaço à minha volta. À medida que me aproximava, aumentava minha sensação de plenitude. Parecia que eu ia desmaiar por não poder tanta alegria. Era uma vertigem de felicidade. Ao se aproximar aquele ritmo de luz, passou a ser o acompanhamento de uma música indescritível. Ai eu estirei um parafuso. O cenário mudou, ficou todo escuro, só aparecia a bola parada a uma pequena distância... e de repente eu estava lá dentro. Eles se falaram... não falaram, mas eu ouvi muito bem o que diziam eram idéias incríveis, não consegui entender nenhuma por completo. Mas eu sei que tudo aquilo está gravado aqui dentro e aos poucos eu vou entendendo. Tiraram minha roupa... eles eram incríveis... um dia eu desento por vocês... não sei se eu vou conseguir transmitir aquela luz... eles também eram iluminados, aliás tudo era iluminado... e com que entitas eram hafeoradas de luz e cor... imaginao o visual... de repente não sei o que eles fizeram, a felicidade foi lá no cima eu não apontei e desmaiei. O que eu achoi nesse desmaio não é nada que eu possa... ou consiga contar. Quando acordei eu estava deitado e eles faziam uma explote de massagem em mim a distância. A palma da mão deles ficava a uma distância de uns cinqüenta centímetros do meu corpo. Foi aí que eu comecei a sentir brotar os brilhantes, em hora eu não estiveam vendo e tinha toda a consciência de que eram brilhantes que nasciam dos meus olhos e nasciam como se fossem espichas. Sem dor e muito brilhante. Quando eu pude ver fiquei tanto de novo. Acordei com o cavalo do Grande Haroldo lambendo a minha boca.. o cavalo chamava-se o Grande Haroldo...

- MIRIAM - Ele não ia falar hoje?
- CESÁRIO - Já falou.
- MIRIAM - Que pena... eu queria tanto ver...
- MAC - Não te preocupa que ele vai falar de novo. Aliás... eu pressinto que ele nas próximas horas e próximos dias, vai falar... vai falar muito!!
- CESÁRIO - Por enquanto Tom e Jerry... aquele papo, Margot!..
- MIRIAM - Que papo...?
- MARGOT - Uma teoria tipo a dos sapatos do Macnamac.
- MAC - Tipo a do Macnamac...!? Tipo a...!? (sacovando o segundo sapato)... Isso aqui é ciência. Não são essas coisas que estão fazendo por aí não... Isso aqui não tem verba... é dinheiro meu. O que a Unij versidade me paga é para dar aulas... para pesqui-
sar... nem a carota... ciência é isso... criar um recurso. É criar mesmo. É contribuir sem ter que abrir as pernas...
- MARGOT - (Vibrada no Mac) - Eu gosto...
- MIRIAM - Eu sei.
- CESÁRIO - De que?!
- MARGOT - Da idéia do Mac! Analisar o lixo que a gente trã da rua ligado ao sapato, para dimensionar o grau de insalubridade da cidade, é demais! É gênio.... a idéia de mapear as rotas por grau de elementos nocivos e contagiosos... é gênio!
- MAC - Nem tanto...! Eu tenho tido muito trabalho. Eu tenho em casa trinta quilos de amostra já analisada pelo Cromatógrafo de Gás por Dispersão Atômica e outros vinte e sete quilos coletados em vinte e sete cidades da pequena porte, onde supõe-se que o lixo e micro-lixo sejam menos insalubres.
- CESÁRIO - Eu tenho noventa e oito laudas escritas e croquiadas de uma análise comportamental das personalida-
des expressas por Tom e Jerry... e não estou nem na metade. De diversas ângulos que eu pretendo a-
bordar as forças a diagnosticar sob enfoques dife-
rentes e a luz de diversos prismas diferentes das várias teorias disponíveis... só agora estou iniciando o enfoque sexual... Toda a análise de com-
põe mistico eu ainda não escrevi. Eu acredito que...

(Saltam do ferro Vampiro e Amarelo, caindo no meio da sala. Trazem, na queda, pedaços de gesso do ferro espedaçado. A queda ao centro do grupo que conversava descontrolado causa o maior susto em todos).

AMARELO - (Beide Margot, esticando o braço e colocando o revólver trinta e oito a um dedo de sua boca). Se abrir essa boca... vai chover micoes na sala... vou operar as tuas "amígdalas"... entendes?...

VAMPIRO - (O tempo todo sem parar de girar pela sala observando tudo com grande rapidez. Está elétrico). Ninguém se mexe... nós não queremos ninguém nervoso... se mexeu, leva chumbo. Vou repetir para ficar bem claro! (Berro) - Isso é um assalto!

CESÁRIO - Eu...

AMARELO - (Apontando a espingarda com a outra mão para o peito de Cesário). Cala a boca... aqui só fala eu... e o Vampiro! Fala Vampiro...

VAMPIRO - É isso aí que vocês ouviram seus Branco aí... hoje só nós vamos falá! Tá certo Amarelo?...

MAC - O Grande Haroldo...

VAMPIRO - Fecha essa boca ou eu te rasgo ao meio. (Dá uma rajá da de metralhedora para cima, fazendo chover pedaços do ferro de gesso).

AMARELO - Quem foi que falou?...

VAMPIRO - Foi esse Branco aqui...

AMARELO - (Para Vampiro) - Beide essa boca de tãel aqui que eu quero falar com o gringo. (Vampiro passa para atrás de Margot e encontra uma "quarenta e cinco" em seu ouvido, enquanto, com a metralhedora ameaça o resto da sala). O que que tem esse tal de Grande Haroldo?! É o teu amigo?

MAC - (Permanece em silêncio com atenção no Vampiro).

AMARELO - Pode falá...

MAC - O Grande Haroldo vai falar hoje... já falou... e vai falar mais!

VAMPIRO - Aonde?

MARGOT - Na TV...

VAMPIRO - (Dá um berro com Margot). Tá não...! Tá não abre a boca...

AMARELO - Amarra um pau na boca dessa mulher. (Para o Mac). Desliga a televisão... desliga logo, não tá ouvindo?... Eu liço o teu ouvido. (Ri. Sofre a trinta e oito no ouvido de Macnamara).

MAC - Você está interrompendo duas pesquisas importantes para o desenvolvimento da ciência universitária... você não pode impedir o livre desenvolvimento do pensamento... isto é fascismo!

AMARELO - Como é que é...?

MAC - Eu não posso tirar minhas mãos a toda hora do cetro deste sacro, porque não posso interromper a todo momento a minha pesquisa. Da mesma forma não posso desligar esse televisor. Estaríamos suprimindo o elemento-pesquisa do trabalho do professor Cesário. O professor Cesário se você não sabe é aquele dos estatísticos... aquele do Jornal das Cere... professor Cesário de Alvim e Sousa... aquele que analisa os distúrbios do cotidiano. Esse homem não pode perder um segundo quando está produzindo. Esse homem tem oito livros publicados. Você tem que entender que uma pessoa assim não pode perder um segundo... não pode desviar um minuto a sua atenção do seu trabalho...

VASFINO - É papo...

MAC - Não não vamos conseguir produzir tudo aquilo que essa cabeça poderia desenvolver... vai faltar tempo. Então... não dá para perder tempo...

VASFINO - É papo desse gringo, Amarelo! Pede logo os documentos.

AMARELO - (Intimando de imediato ao Mac) - Documentos...

MAC - Documentos? Não acredito...

AMARELO - É isso aí! Vai tirando a mão do saco e vai passando os documentos pra fora.

VASFINO - (Para os demais) - Vocês também... Documentos... em cima da mesinha.

(Todos apresentam documentos menos Miriam que tinha deixado os seus no quarto de hóspedes).

MIRIAM - (Saíndo da sala) - Eu vou pegar os meus...

AMARELO - Parada aí... mãos ao alto!

(Pára e levanta as mãos) - Meus documentos estão lá dentro.

AMARELO - (Empurrando Mirian, com a espingarda, de volta para o centro da sala). Você não precisa de documentos. Eu te interrogo.

VAMPIRO - (Lendo um documento de Cesário) - Olha aí Amarelo, o brancão aqui é professor universitário.

CESÁRIO - Veja como fala o... moleque. Eu tenho idade para ser seu pai.

VAMPIRO - Pai... olha aí Amarelo... meu pai! O professor... meu pai. Muito bom, pai... (Representando para Cesário). Onde o senhor tava até agora?... A mãe tá chorando e hoje ninguém comeu. Os coi sabiu o morro e quebraro três telhas aqui no quarto e tá chovendo dentro da cama... e o Miguel tá chorando e dia todo de fome... eu acho que ele vai morrer... onde é que tu tava pai?...

CESÁRIO - Eu só queria...

VAMPIRO - Pai vai vê a mãe vai. Ela tá lá na privada vomitando. Ela tava lá o dia todo... e o Junão disse que ia discolá uma grana mas ainda não voltou... ele disse que ia trazer pizza e coca-cola. Vai lá vê a mãe...

CESÁRIO - Eu quando falei ser seu pai eu quis dizer... eu quis dizer que a minha idade permitia ser seu pai. Quer dizer... não que você fosse meu filho, nem eu seu pai... mas idade... isso... idade para ter um filho da tua idade sem que você fosse meu filho.

AMARELO - Cala a boca professor...

VAMPIRO - Amarelo, como é que esse cara queria ser meu pai?! Tá pindo esse brancão. Um cara desse de pai eu conhecia ele de passada toda hora.

MAC - (Para o Amarelo, já enfiando um dos braços no macaco transparente). Fosse continuar minha pesquisa?

AMARELO - Com cuidado... qualquer gesto suspeito eu te quero quinho...

MAC - (Para o Vampiro) - Representa o teu ténis?

VAMPIRO - Meu ténis?!

MAC - Ele seria um elemento muito valioso na minha pesquisa desde que o senhor não se oponha de ser meu colaborador...

e colaborador quer dizer: "Colaborar cedendo o seu tênis para uma coleta de material e não se opor a responder algumas perguntas de valor fundamental para a pesquisa.

VAMPIRO - Amarelo... ele quê o seu tênis???

AMARELO - Será que o professor tá afim de ganhá o teu tênis??

VAMPIRO - (Encostando a "quarenta e cinco" sobaixo do queixo de Mac). Distinto... nós, eu e o Amarelo, é que tamo assaltando. Eu que falo: - Passa o teu tênis prá cá. (Mac tira rapidamente os seus tênis e passa para o Vampiro). Quanto é que tu calça?

MAC - Quarenta e dois...

VAMPIRO - (Passando o tênis para o Amarelo). Vai ficar meio pro grande, mas tu já ganhô... (para Mac) e a americana também.

MAC - A calça...?!

VAMPIRO - É, a "latoniocachi"...

MAC - Por que logo a minha? Eu já contribuí com o tênis..

CEÁRIO - (Tentando se fazer entender para o Mac). É melhor a tua Mac...

MAC - (Que não entende). Melhor por quê? A tua é mais nova! Eu já dei o meu tênis.

CEÁRIO - É que eu tenho aquela doença... (Vampiro e Amarelo prestas a maior atenção na conversa).

MAC - (Sem entender nada) - Que doença?!

CEÁRIO - Aquela... que não pode tirar a calça porque e que se revelaria ao insurpulo da peralta que adentrou via aérea...

AMARELO - (Interrogando) - Fala aí... nada de código aqui... de agora em diante não quero mais saber de papo em código, eu falo a mesma língua ou fica calado.

VAMPIRO - Fala em código vai levá castigo. E vai começá pelo professor que fala em código e vai levá castigo.

MISIAN - (Tentando salvar Ceário de ter de mostrar a perna). Eu dou a minha...

VAMPIRO - Tu não tá vendo que não dá no Amarelo??

AMARELO - (Excitado pela idéia de ver Misian só de calcinha). Não custa experimentar, Vampiro...

- MIRIAN - A minha é mais bonita... é "STONEMARSHEN"...
- VAMPIRO - Mas a madame não falou em código...
- AMARELO - Não precisa, Vampiro. Ela é voluntária...
- MIRIAN - (Abrindo o botão da calça e descendo o zíper). Essa já está usada. E se ficar um pouco apertada não faz mal... é a moda...
- VAMPIRO - Olha aí Amarelo... a madame tá dizendo que tu vai usá na moda...
- AMARELO - (Super interessada no corpo de Mirian). Não corta Vampiro... a madame tá com boa vontade.
- MIRIAN - (Acabando de tirar as calças joça para o Amarelo). Veste Amarelo, vai ficar um barão.
- AMARELO - (Começa a vestir a calça). Se não dá não deu... mas tem mais é que experimentar...
- MIRIAN - Por cima deste calção não vai dar... (faz um joço assim declarado). É melhor você tirar esse calção..
- VAMPIRO - Vai nessa Amarelo, qu'eu vou discolar a minha por aqui...
- MARGOT - (Um grito) - Eu não!
- AMARELO - (Já com o calção no chão). Não deixa essa mulher falar...
- VAMPIRO - (Para Margot) - Cala a boca... tô afim de discolar é uma calça... tá pensando o quê?... que todo assaltante é um...! Mulher, só se chocar em mim!
- MARGOT - Desculpe...
- VAMPIRO - Cala a boca. (Dirigindo-se ao Casário). Eu quero a tua calça, professor...
- CASÁRIO - Com tanta calça na sala você quer logo a minha. Vai pegar uma lá dentro... tá cheio, no armário...
- VAMPIRO - Não quero saber... tira as calças! Falei em código que leva castigo... é a lei da selva: falou torto tá quebrado...! Tira as calças...
- MIRIAN - (Intercedendo junto ao Vampiro). Não... é que ele é mais tímido...
- VAMPIRO - (Ameaçando Mirian) - Não fala em código...
- MIRIAN - Ele tem vergonha. Ele foi criado em colégio de padre... deixa ele tirar a calça atrás do tronco...

VAMPIRO - (Encosta a "quarenta e cinco" nas costelas de Miriam que sente cócegas). Aírá de quem??

MIRIAM - Ai não faz cócega... (Ri). Este teu revólver é tão grande...

VAMPIRO - (Insistindo no mesmo tom). Quem é esse bicho?

MIRIAM - (Afastando a "quarenta e cinco" delicadamente com a ponta dos dedos). Com licença... bicho, é aqui la cerquinha ali...

VAMPIRO - Vai lá professor esvergochado... ninguém pode ver a bundinha dela... ou será o piruquinho?!

AMARELO - (Tentando fechar as calças sem êxito). É muito pq quena... (tira de novo), mas deixa aí qu'eu vou lg vê prá minha nana.

CERLÉIO - (Entregando a calça para o Vampiro por cima do bico). Tá a calça...

VAMPIRO - Depois lá Amarelo... experimenta essa...

AMARELO - (Pegando a calça no ar). Olha aí Vampiro... vou botar as calças do teu pai...

MAC - É o teu pai Amarelo?...

AMARELO - Meu pai...? Ó que é que tem o meu pai?

MAC - Como eram os sapatos do teu pai?! Por onde andavam? Perguntem: que tipo de pó ele usava para esgar?

AMARELO - Pó? Pó de chaiseur?!...

MAC - Pó de sapato... (Como é que ele era? O teu pai...?

AMARELO - Um malandro... malandro mesmo. Não é malandro de vaquear. Malandro de profissão... daqueles que não têm mais. É jogador de sinuca... profissional. Eu não gostava dele. Ele dizia que gostava de mim e toda hora me dava porrada. Ele tinha um bafo fedido...! Ele me levantava pelo braço... me tirava do chão e falava na minha nana: - tu é bem igual a tua mãe!... Com a boca no meu nariz... parecia um peido... um bafo podre... e quando ele ia sair, ele buchechava um pó de perfume da minha mãe. Ficava um fedor perfumado... Ficava aquela cheiro de sabonete esgado. Era fora na sinuca... ganhava uma grana fedida em cima dos stártois! Mas perdia tudo nos cavalos. Não faltava um programa no hipódromo... quinta, sábado e domingo tava lá.

Ela gostava de ser doutor em cavalos. Estudava no jornal e naquelas revistas boas. Cabele cheio de bri-
lhantina, alisado até a nuca. Aquela bofe é que
era feia... até estragava a imagem do fera. Seu es-
tudo era fechar uma acumulada de dupla com des-
pê-rece. Ganhava na vitória, perdia nos cavalos e se
levava porrada... (Intende malandro?... Quinta, sãbã
do e domingo eu tava entrando... é isso aí, prin-
cipal... Os sapatos do corsa andavam nas vitrines do
Largo da Polça, da Galeria Central e umas meia dú-
zia de três ou quatro na periferia... as quintas,
sãbedos e domingos o velho levava os sapatos prá
dar uma banda no jockey e nos mesmos dias os sapa-
tos do corsa visitavam a minha borda...

CENÁRIO - Como é que você reagia a isso?

RAC - (Cortando Cenário). Um momento... a pesquisa é mi-
nha. (Voltando com muito interesse, ao depoimento
de Amarel). A sua banda não pode contar na compo-
tação dos dados de matéria recolhida, porque a sua
banda já estava dentro de casa...

AMARELO - Quando ele não me chutava na rua...

CENÁRIO - (Insatisfeito) - Você não reagia?...

AMARELO - Eu não dava conserto prá ele... eu não gostava de-
le... eu aprontava mesmo... ele tava sempre aceso
prá mim. E sabia que não podia vacilar qu'eu entras-
se com tudo...

RAC - Ele frequentava o Jockey pela manhã?

AMARELO - Não perdia um apronto.

RAC - (Para todos) - Estão vendo?... A riqueza de porra-
ria que os sapatos do pai dele traziam para casa?
Não se trata de um dado vulgar... pelo contrário...
era um material muito nobre. Algo que não está
na ordem natural das coisas.

VERFIM - (Que havia acendido um enorme cigarro feito a mão,
oferece ao Amarel) - Vai...?!

AMARELO - (Acertando, dá uma trapaça e fala com a fumaça pre-
sa no palmo). É sabe que o corsa no fundo tinha
medo de mim... (Dá outra trapaça).

CENÁRIO - (Para todos). Eu é que digo: estão vendo? (Apren-
tando para o Amarel). Este é um caso típico de
síndrome de Tom e Jerry.

- VAMPIRO - Como é que é professor?... Falando em código de novo?! Vai saindo aí de trás da cortina que vai levá castigo...
- CESÁRIO - Não é código... é o rato e o gato da televisão... desento...
- VAMPIRO - Tô sabendo... tô pensando qu'eu sou burro?! Mas o que eu não entendo é código... saou?! (Se sai) tanto). E sai daí de trás...
- AMARELO - (Passando o cigarro para o Vampiro). Vai aí!... Deixa ele comigo... (Ao Cesário). Professor, ché que aqui... não precisa ter vergonha...
- MAROT - (Tentando salvar Cesário de expor os diamantes). Põe um aí na televisão que o Grande Haroldo vai falar...
- AMARELO - Vampiro, não deixa essa mulher falar...
- VAMPIRO - Madama... eu já não falei....! Fica fria... Oferece o cigarro!. Tá afim...?!
- AMARELO - Deixa aí Vampiro! Com um palmo desse a madama mata essa bota sem tapa só! (Ri).
- VAMPIRO - Criado!. Ela quando não é nada... toda vai ser quando ela soltá o ar. Sai da frente malandro..!
- AMARELO - (Pegando o cigarro da mão de Vampiro e dando uma tragada). Madama vamos fazer um trato... nós botamos um som na TV, e a senhoria ou senhora não esqueça nada! Já respira prá não morrer...
- MAR - (Aumentando o som do televisor). Ela está falando...
- G.HAROLD- (Exaltado)... Nenhum militar dissidente vai espantar a honra do nosso exército. Aos revolucionários respondemos com cadeia! (Pára e bebe uma goles de água). E dando seqüência as nossas ações de amansamento da nação, empreendemos uma tutoria na cadeia mais praficiente da nossa sociedade... e eu, o Grande Haroldo desta nação, não vou permitir que a Igreja, num momento tão importante da nossa história, venha querer dividir a nação! A guerra é necessária... eu lhes afirmo com aquela franqueza... aquela mesma franqueza com que constantemente tenho falado à nação... a guerra é necessária... a guerra é um dom de Deus!

A Igreja não dividirá a nossa família. A atitude dos religiosos... na capital... na tarde de ontem foi punida. Eu não podia agir de outra forma. Eu pedi e eu mesmo dei as penas...

CESÁRIO - (Grita para o televisor). Galinha...! (Babochando). A galinha deu as penas...!

G. BARCELLO - E serão punidos todos aqueles que se rebelaram contra a decisão do governo que é o próprio desejo de Deus! (Retomando a calma). Aproveito essa oportunidade para anunciar a toda a nação e às nações amigas, que está extinta a autoridade eclesiástica em nossa pátria. Eu sou o instrumento da justiça social... e a justiça se fez.

AMARELO - Desliga essa merda...

G. BARCELLO - Estão proibidas todas as celebrações religiosas. Estão proibidas todos os cultos promovidos pela...

CESÁRIO - (Gritando, só de costas, detrás do biscoito. Atravessa a sala e desliga o TV). Não vai ter guerra... isso era conversa para calar a Igreja... para não dar com o movimento dos novos oficiais... calaram a Igreja... os padres calaram nessa... Eles perceberam que os operários estavam unidos e os partidos estavam querendo se reorganizar. Não tinham mais saída, inventaram uma guerra.

AMARELO - (Observa de boca aberta os diamantes na perna de Cesário, desde o momento que ele sai detrás do biscoito) - O que é isso...?

CESÁRIO - (Leva um susto quando percebe que os dois desconheciam os diamantes encrustados. Volta se esconder atrás do sofá. É a doença... aquela... eu não falei que tinha uma doença... tirando alvoroço na sala).

AMARELO - (Persegue Cesário pelo longo para frente da sala). Ven pra cá... eu vou curar essa doença...

VAMPIRO - (Em cima da mesa de jantar, rondando o grupo com sua metralhadora). Todo mundo parado ou leva chaga... (O alvoroço continua).

AMARELO - Ameaçando Cesário com o "trinta e oito". Quietos... não se mexe...

VAMPIRO - (Isto berros). Eu disse: parado! (Tá uma rajada de metalhadora por cima da cabeça deles. Todos se abaixam, inclusive o Amarelo. Parado...
(Isto berros) - Parado...

AMARELO - (Levantando) - Qualé Vampiro?! Tá querendo ficar com todo?!

VAMPIRO - Desculpa malandro... essas peças tão se torrendo o saco. (Falando de novo aos berros, para o resto que permanece abaixado). E se alguém se mexer de novo leva asiloma no queixo...

AMARELO - (Que o tempo todo vem tentando arrancar com a mão os brilhantes enrustados). Vampiro, descola uma faca...

CESÁRIO - Espera aí... você vai cortar a minha perna?!

AMARELO - Cortar?! Não! Vou puxar essas pedrinhas ped'foi vai!

CESÁRIO - Você vai se machucar.

AMARELO - E daí?!... Nunca se machucou?...

VAMPIRO - (Passando a faca). Vai fundo Dotô...

AMARELO - É isso aí... Dotô Amarelo... cirurgião operador...

MARGOT - Espera um pouco...

AMARELO - (Isto berros). Não deixa essa mulher falá!

VAMPIRO - (Prá Margot) - Cala a boca... tu qué deixá o Dotô nervoso?!

CESÁRIO - Ai...

AMARELO - Madama, pega uma anestesia...

CESÁRIO - Ai...

AMARELO - Ele não tá aguentando...esse troço parece que tem raiz... que nem dente...

CESÁRIO - Ai...

VAMPIRO - Tu não qué um alicate?!

CESÁRIO - Ai...

MARGOT - (Fala do bar, onde prepara uma dose super. Misty re todas as bebidas que encontra, apressadamente, numa coquetelaira). Nós não temos alicate em casa...

AMARELO - Vampiro, chama a Sandrinha... manda ela desligá o carro e vir aqui...

CESÁRIO - Ai!

VAMPIRO - (Pula da mesa e corre em direção a porta sempre apressando o grupo). Ninguém se mexe... (Abre a porta) — Sandra! Sandrinha...! (Faz sinal com a mão para ela desligar a chave do carro. Sandrinha não entende)... Desliga... (Repete o gesto)... chega aqui... (Casticula chamando. Dá um tempo para ter certeza que foi entendido e encosta mais a porta ficando de costas para a rua, observando o grupo enquanto aguarda Sandrinha). Já vem aí a Sandrinha Dotô cirurgiã...
 So...

CESÁRIO - Ai...!

MARGOT - Entrega um copo enorme, cheio de uma bebida branca como leite, ao Cesário. Toma seu bem... vai ajudar...

CESÁRIO - Ai...

AMARELO - Toma! Não tá sviando?...!

CESÁRIO - (Pegando o copo com as duas mãos, bebe de uma só vez). É bom que isso faça efeito... eu já não estou aguentando...

MARGOT - Vai fazer... vai fazer efeito, tenho certeza...

SANDRINHA - (Entrando. É muito bonita. Seus cabelos não são penteados a muito tempo. Veste uma bermuda curta e uma camiseta apertada. No pulso uma fita do nosso Senhor do Bonfim, nos pés sandálias de plástico). Qualê, o que que tá acontecendo aqui?

VAMPIRO - Fala Amarelo...

AMARELO - (Mostrando Cesário que permanece imóvel desde que tomou a mistura). Olha a perna do professor aqui...

SANDRINHA - O quê?... É de verdade?... (Para o Amarelo). Isso vale grana? (Buscando o Vampiro). Fala logo Vampiro... é pedra de verdade?!

VAMPIRO - (Enchendo a boca). Pedra precisa saninha?...!

SANDRINHA - (Super excitada). Não dá prá tirar?...!

VAMPIRO - O Dotô Amarelo tá com dificuldades...

AMARELO - (Para Sandrinha). Corre no carro, trê um alente... e trê uma "coisa" prá gente apertá um...

VAMPIRO - Deixa qu'eu vou... (Passando a metralhadora para Sandrinha e enfiando os dois "quarenta e cinco" nas calças por baixo da camisa). Bonda eles aí Sandrinha...

- AMARELO - Vai rápido... não demora!
- NAC - A gente já pode se mexer?
- SANDRINHA - Quieto aí malandro...
- AMARELO - Escuta aqui bracoão... tu vai se mexer... todo mundo pode se mexer... mas com cuidado... com responsabilidade...
- MARCOT - Liberdade relativa.
- AMARELO - Não fala em código! -
- SANDRINHA - (Eliminando as pedras das pernas de Caedric). Quanto vale isso?...
- AMARELO - Uma grana...
- SANDRINHA - Quanto?...
- AMARELO - Não sei... muita grana.
- SANDRINHA - Muita grana... quanto?!
- AMARELO - Uns dez milhões...
- SANDRINHA - (Empolgada) - Dez milhões?!
- VAMPIRO - (Entrando). O que que é dez milhões?!
- AMARELO - As pedras...
- VAMPIRO - Tem certeza?!
- AMARELO - Calado...
- VAMPIRO - Tamo ferrado, meu irmão...
- SANDRINHA - Acabou o sofrimento... adeus meus tratos... adeus fome... adeus barato cortado...
- AMARELO - (Empolgando-se também). Chegou o nosso capital malandro... vamos nos transformar em capitalista... vamos trair uma alta...
- VAMPIRO - (Querendo entender). Aquela da conta Amarelo?!
- AMARELO - (Histórico). É meu irmão... dez milhões... vamos poder entrar na dos grandes...
- SANDRINHA - E se não valer?
- NAC - Dez milhões resolve a vida de vocês?
- AMARELO - Dez milhões... de repente gringo, dez milhões até que far a nossa cabeça... (Iri com Vampiro e Sandrinha).
- SANDRINHA - Dez milhões, corra, é nossa passagem para o sucesso... prá Solista!

- Saca Bolívia, coroa?! É Bolívia... quem tem dez milhões tá lá dentro...
- VAMPIRO - Tem aquiashê entrando com muito menos...
- MAC - (Procurando causar impacto). Al não tem dez milhões... (branco geral) aí tem muito mais...
- MIRIAN - De que lado você está?!...
- MARGOT - Eu vou ligar o TV...
- MAC - Liga...
- VAMPIRO - Não liga!
- MARGOT - O Grande Marcelo...
- AMARELO - Deixa ela ligá, Vampiro...
- MARGOT - Liga o TV. Está passando comerciais de bebidas! Obrigada Amarelo...
- MAC - Eu tenho uma proposta a fazer...
- MARGOT - Vocês não estão com sede?... (Todos se manifestam aceitando uma bebida. Menos Cássio que continua estático). Drink para todo mundo. (Inquiridôlica) Como eu gosto...
- AMARELO - (Para o Vampiro). Trouxe o fumo?
- VAMPIRO - Tá em cima...
- AMARELO - Fecha uma tora que vai começar a operação...
- VAMPIRO - Manda vê Didi, que a tora tá saindo (começa a fumar um cigarro exageradamente grande).
- MAC - Eu tenho uma proposta prá fazer...
- AMARELO - Pode foidá...
- MAC - Vocês vão ter um grande trabalho para tirar essas pedras. Um trabalho maior prá vender... e tudo isso para lucrar dez milhões... certo?!
- OS TRÊS - Certo...
- MAC - Pois... vocês não precisam tirar as pedras e eu compro elas, como estão, por cinquenta milhões... e vocês vão embora.
- BARBECINA - (Que observa as pedras fascinada). Cinquenta?! (Sem saltar) - Cinquenta milhões?... Não vamos tirar isso...
- AMARELO - Tu tá falando cinquenta milhões?!... Milhões?!

- MAC - Cinqüenta milhões... mas não meo na perna do professor.
- VAMPIRO - (Ainda fazendo o cigarro). E onde é que está essa grana?...
- MIRIAN - (Entrando no jogo do marido). Interessas ou não interessas?!
- SANDRINHA - O quê?
- MIRIAN - Os cinqüenta milhões?!
- VAMPIRO - Não... nada!.
- AMARELO - Eu quero saber onde é que estão esses cinqüenta milhões...
- MAC - Na perna do professor.
- AMARELO - Então deixa que a gente tira...
- MAC - Você não vão conseguir. Vão maltratar a perna do professor e mutilar, quero dizer, estragar as pedras. Essas pedras têm muito valor... mas não podem ser arrancadas. Esse alicete não é o instrumento adequado para extrair as pedras.
- VAMPIRO - (Acabando de fazer o cigarro) - É que tu acha Amarelo? Vai entregá as pedras?
- AMARELO - (Inseguro). É... pode ser... não tô sabendo qm tá... nunca fia esse lance...
- SANDRINHA - Quebra ou não quebra?!
- AMARELO - Não sei... vou experimentar uma. Se quebrar a gente pára.
- MAC - Se machucar o professor não tem mais negócio...
- AMARELO - Aqui quem dá as ordens somos nós... entendeu?!...
- VAMPIRO - (Acendendo o cigarro). É isso aí... se começá a machar o saco nós levamos a perna do professor prá trabalhá no caseiro...
- AMARELO - (Para o Mac). É como é que tu vai pagá a gente?
- MAC - Eu consigo um cirurgião que pode fazer essa extração sem estragar as pedras e sem traumatizar o professor.
- AMARELO - Apertamos o trato.
- MAC - Nós não falamos de trato ainda...
- MARGOT - (Chegando com os drinks numa bandeja. Há copos rosas e azuis.

Oferece as copas rosas aos marginais). Estão se-
vidos?! (Todos acatam e seguram as copas sem
beber).

VAMPIRO - (Passando o cigarro para o Amarelo). Esse grin-
go tá enrolando...

NAC - O trato é justo...

AMARELO - Eu quero saber da grana...

NAC - Não tem grana.

VAMPIRO - (Num grito). Como não tem grana?!

NAC - Mas tem as pedras... é a mesma coisa.

SANDRINHA - Explica...

NAC - (Já com dificuldade de esticar o papo). Eu explico... eu quero as pedras... vocês querem as cin-
quenta milhões...

MARGOT - (Pegando o cigarro e fumando com naturalidade).
Vocês não bebem?! (Todos bebem ao mesmo tempo e g-
variando as copas de uma só vez).

AMARELO - Continua botô.

NAC - Eu tenho um amigo cirurgião plástico que pode en-
trair facilmente as pedras no valor de cinquenta
milhões. Mas eu preciso trazer um especialista
para avaliar a quantidade certa. O resto fica.

AMARELO - Pode chamar os homens que o trato tá feito...

VAMPIRO - Não vão acabá com você...

SANDRINHA - Acostase, gringão, que nós dominamos a situação.
(Apostando a metralhadora como se fosse disparar
a qualquer momento). Pode chamar o botô operador
e dispensa o homem que entende das pedras, porque
nós vamos levá tudo... (Vampiro e Amarelo procuram
sentar. Estão sentindo o efeito fulminante da be-
bida. Margot passa o cigarro para Sandrinha que
dá uma forte tragada e prende a fumaça). E se
acabar o saco mata todo mundo. (Percebendo que
os companheiros estão dopados, ameaça com a metra-
lhadora). O que que vocês fizeram?!... (Começa a
sentir o vertiginoso efeito da bebida). Foi a be-
bida?!... (Num último esforço dá uma rajada de m-
tralhadora para o ar e cai no sofá).

- NAC** - (Batendo palmas acompanhado de Mirian, como se estivessem assistindo o final de um ato, enquanto Marget retira o cigarro da boca de Sandrinha) Bravo! Grande Marget...
- MIRIAN** - Quanto tempo demora isso?
- MARGET** - Não sei. É a primeira vez qu'eu faço... (Dá uma trapeção).
- MIRIAN** - (Recolhendo as armas e repastindo com Nac). O Cesário ainda dorme... está dormindo já faz algum tempo.
- NAC** - (Ligado no TV onde aparece as letras de desenho moderno: "Alerta Geral"). O Grande Haroldo.... (Aumenta o volume. Está tocando um hino). O Grande Haroldo vai falar...
- MIRIAN** - Faz alguma coisa para ele acordar, Marget! Ele não pode perder isso... (Cheferindo-se à televisão).
- MARGET** - (Passando o cigarro junto ao nariz de Cesário. Sua voz é leve e suave). Acorda amor... vem... acorda! (Batendo a Sandrinha). Acorda que tá violando uma coisa de valor na sala...
- CESÁRIO** - (Como se estivessem acordado o tempo todo. Entra na ação totalmente desperto, pegando o cigarro da mão de Marget). O Grande Haroldo já falou? (Fica no televisor, sem perceber que os marginais dormem).
- MIRIAN** - (Empurrando a neutralizadora). Vamos acordar esses vagabundos?...
- VIDEO** - (Lector todo de preto com cenário de acrílicos e cromados). Hoje, dia triste de dezembro, vêg para do último dia do ano, quando o Grande Haroldo costuma dirigir-se à nação com boas palavras... com mensagens paternais... de amor e frágil ternidade, temos a dolorosa missão de revelar publicamente que nossa pátria foi ultrajada! Fomos invadidos! Mas nossa capacidade de resistir não permitirá que o inimigo, mesmo tendo a vantagem dos primeiros golpes, supere o nosso esquema tático-defensivo, cientificamente desenvolvido para uma retirada estratégica como esta que estamos fazendo neste momento.

- (Instrutor de traje esportivo todo branco, Césário - um abrigo subterrâneo). Vamos por em prática nosso treinamento de segurança civil. (Sucessão rápida de slides sobre treinamento de segurança civil).
- AMARELO - (Acordando um salto ao som da marcha militar que faz fundo aos slides). O que tá acontecendo?
- TRAFINO - (Que acorda no mesmo momento que Sandrinha). Essa mulher é foda... quando não escapa pra pra uma birita que...
- SANDRINHA - (Vendo todos vibrados no TV). Qual é a da TV?
- INSTRUTOR - (Fundo musical de programação de jornalismo). Fomos bombardeados com bombas de "Neutroton-1". Isso todos sabem e que é. Mas se alguém ainda não se lembra vamos lembrar. O "NEUTRON-1" provoca uma desintegração de partículas através da fissura da molécula de cristal vegg tal bombardeada por raios "Q-Q-F". (Imagens de vendavais). Fechem imediatamente as janelas "corta-ataque". (Todos correm para fechar as janelas. Imagens de vendavais e inebriados. O fundo musical agora é intenso).
- MIRIAN - (Voltando dos quartos junto com Césário que já volta de calça). Lá dentro está todo fodado...
- MASCOT - (Aqui também...
(Os marginais estão um pouco perdidos no meio da confusão toda e não participam da operação fechar janelas).
- CÉSARIO - (Já ligou o sistema auxiliar de energia e com a ligação...
- MAC - (Ode é que fica o computador do sistema de defesa?)
- MASCOT - (Lá do bar). Aqui... (Desligando). Sempre achei que iria estar nesse bar quando fosse preciso ligar o sistema de defesa... (Dirigindo-se a todos). Mais um drink?...
- TOMAS - Não!

- VAMPIRO - (Sacando uma "quarenta e cinco" da cintura, encosta na nuca de Cesário e chama a atenção de todos para si). Ninguém se mexe... eu vou levar o professor. (A Mirian e Natanias que ainda estão armados).
E vocês joguem essas armas no chão ou eu estouro os míseros do professor... eu arrependo com a cabeça dele...
- MIRIAN - (Fundo a metralhadora no chão). Você não pode sair... não estão vendo o que o instrutor do palácio está dizendo?
- NAT - (Que também depositou as armas no chão). Fomos bombardeados com bombas de "NEUTERICON-L", ninguém pode sair...
- AMARELO - Por quanto tempo? (Desconfiado)
- VIDEO - (Instrutor). Por quatro anos essas janelas e portas estarão fechadas...
- AMARELO - Quatro anos?!...
- VIDEO - (Instrutor). Vamos apresentar agora imagens de pessoas atingidas por radiação de "NEUTERICON-L". (O fundo musical de jornalismo acompanha imagens horripilantes de pessoas deformadas pela guerra).
- VAMPIRO - (Desistindo de manter Cesário prisioneiro). O que é que é Amarelo?!... Nós vamos ficar aqui quatro anos?...
- AMARELO - É isso aí... entramos na família dos durões... vamos viver com o pessoal pesado... vamos ser gente fina... barão... casa e rango do bom...
- VAMPIRO - Que rango? Quatro anos, masinha... quatro anos... a comida... essas caras não podem ter tanta comida assim em casa... (Na dúvida para o Cesário). Tem?!
- VIDEO - (Instrutor). Durante estes quatro anos, todas as residências serão abastecidas de todos os gêneros alimentícios, medicamentos e bens renováveis, através do nosso sistema postal subterrâneo. Pedimos a todos os chefes de residência que nos confirme através do tele-computador o número de pessoas que estão abrigadas na sua casa, o sexo e a idade de todos.

Mas tarde surgirá no vídeo um cadastro modelo pa-
ra maior e mais qualificada coleta de dados indi-
viduais e da edificação. (Pausa). Agora com
você e Grande Haroldo.

CESÁRIO - (Para o TV). Filho da puta!

VIDEO - (Grande Haroldo). Durante vinte e cinco anos vi-
vendo me dirigindo à nação no último dia de ano pa-
ra exprimir minha gratidão pela conduta de ordem
e desenvolvimento do nosso povo. É nesse último
dia que eu costumo prestar conta dos meus atos e
dos meus ministros. A urgência dos fatos me fez
antecipar este pronunciamento. É também neste mo-
mento que eu costumo cobrar dos meus adversários.
É também neste momento que eu volto minhas pala-
vras de carinho e afeto ao meu povo que é como se
fosse a minha família, os meus filhos. Hoje, po-
rém, tenho o dever triste de transmitir ao meu po-
vo a notícia que estamos em guerra. Esta respon-
sabilidade é minha e eu não fujo dela...

CESÁRIO - Filho da puta!...

VAMPIRO - (Adere mesmo sem saber porque). Filho da puta!..

C. HAROLDO - Quero dizer a vocês que estamos todos juntos e
juntos ganharemos esta guerra, porque nossa estrá-
tegia está deixando seu ação nossa
tácticas que, a partir de agora começará a so-
frec balas.

HAC - Como?... se está todo mundo acordado?...!

C. HAROLDO - Continuamos com a proteção da Virgem Santíssima...
(Fecha os olhos e reza mentalmente com leve movi-
mento labial).

CESÁRIO - Ela não briga com a Igreja?!

C. HAROLDO - ... e a nossa aviação é a mais valente do mundo.
Nossos pilotos são os mais corajosos e destemidos
de toda a aviação mundial. Sabemos que o nosso
táctico é poderoso, mas não somos mais teimosos.

TODOS - Ao mesmo tempo, senos Cesário!... (aos) Senos me-
mo! Mande senos potes... (contas o refrão jun-
tos). Par-pu-ri-má... Par-pu-ri-má... Par-pu-ri-
-má...

G. NARCISO - (Emocionado). Purpurina não se entregará! A nação está pronta para resistir... os filhos da Purpurina são os meus filhos e os meus filhos não tem medo de morrer...

CESÁRIO - Filho da puta...

TOCOS - (Mesmo Cesário). Purpurina... Purpurina... Purpurina... (A luz vai caindo em resistência ficando só o televisor virado para a platéia assombrada).

G. NARCISO - (Retomando a postura). Mas como no último dia do ano não pode ser só de tristezas, eu reservei uma surpresa agradável para todos vocês. Em seu nome, em nome do Governo e das Forças Armadas da Purpurina e em nome do "Partido Uno Democrático", eu ofereço a todos ... a toda a nação... a todos os filhos da mãe-pótria... eu ofereço a coisa de primeiro de ano. Não oferecemos a "veillon" da família Purpurina (Fundo musical tipo comemoração. Canções de populares agradecendo, "Obrigado Grande Nação", "O Povo da Purpurina agradece", "Graças de Narciso, muito obrigado", etc.....). Faremos um grande "veillon". Anasá, quando o inimigo estiver se matando no seu bôco de guerra, não estaremos comemorando a vitória de resistir. Purpurina saberá resistir... mas ao que eles estejam destruindo nossas casas.. nossas cidades, não estarão destruindo ratos acorreados, mas sim bravos, comemorando antecipadamente a vitória da resistência. (Repetem-se as cenas de agradecimentos). Sabemos que toda a imprensa e a opinião pública mundial estará acompanhando durante todo o tempo a vitória de nossos inimigos... estarão mostrando com imagens fabricadas: "A nossa derrota"... por essa razão não transmitiremos nada que vier do exterior. Estaremos atentos e saberemos sair para que nenhuma propaganda do inimigo venha, através desta imprensa mundial corrompida e vendida aos mais fortes, a bater a moral de nossa população. Eu quero esta moral alta. (Repetem-se as cenas de agradecimentos).

Eu quero toda a nação comemorando com antecipação a grande vitória que começa hoje. Será uma vitória decorada, mas faremos destes quatro anos um curto período de fé e trabalho... de esperança e luta... sim, luta... mesmo em nossos abrigos estaremos desenvolvendo a vitória de Furpurina com nosso trabalho. Sei que posso contar com a união de todos e desde já conclamo a nação a viver o clima da vitória. Serão quatro anos de luta e alegrias. (Mas vou se embarcar e não quase checar). Porém eu lhes confirmo, quatro anos é pouco para nossa peregrinação. O momento não é para lamentações, embora seja de austeridade... mesmo assim quero ig de a nação feliz.

Desejo a toda a nação, a todos os meus filhos um feliz ano novo. Viva Furpurina!

TODOS - (No escuro). Viva!...

VIDEO - (Instrutor). Conforme foi noticiado na voz do Grande Haroldo, amanhã toda a nação estará comemorando o "revesillon" sob o patrocínio e benevolência do Grande Haroldo. Amanhã, a partir das treze horas vocês estarão recebendo em suas casas uma ceia completa para o número de abrigados na unidade residencial. (Imagem da ceia que é apresentada por uma senhora que descreve detalhadamente cada prato). Para que essa ceia seja perfeita, pedimos a todos que nos transmitam através do tele-computador o número de pessoas que estão abrigadas no seu lar, o sexo e a idade dos ocupantes. Estas informações devem ser dadas até as dez horas. Aquelas que prestarem as informações após as dez horas, terão a entrega da ceia retardada. Informe nos antecipadamente. O Grande Haroldo terá a máxima satisfação em saber que todos os seus filhos estavam comemorando enquanto o inimigo estava se matando de fome. Viva nossa pátria!...

TODOS - (No escuro). Viva!

VIDEO - (Imagem de fogos de artifício com música de festa. O Instrutor está com roupa de gala toda branca). Salve Furpurina!

- TODOS** - (No escuro). Salve!
- VIDEO** - (Instrutor). Feliz Ano Novo! (Imagem de P2 vo em grande manifestação).
- TODOS** - (Acendem as luzes. As salas estão decoradas para uma grande festa. A mesa é farta em comida e bebida. Todos estão vestidos em traje de gala, inclusive os marginais. Estão bastante alegres e brindam com champanhe). Feliz Ano Novo!... Feliz Ano Novo!... Salve Parpurina! Feliz Ano Novo, Parpurina!...
- VIDEO** - (Imagem de bombardieiros e cidades sendo destruídas, fundem-se com cenas de fogos de artifícios multicoloridos num espetáculo pirotécnico único. A música é de festa. Em animação aparece sobre as imagens o letrado de "Feliz Ano Novo").
- MARGOT** - (Erguendo uma taça de champanhe o mais alto que pode). Eu faço questão de erguer um brinde. (Silêncio total, só o fundo musical da TV). Este é o dia mais importante dos que eu já passei... Não sei como falar... Mas sinto uma mudança tão radical acontecendo na minha vida e de tanta responsabilidade... hoje é tudo! Isso é que é uma festa! Hoje está toda a nação ligada numa única festa, neste momento a nação inteira está unida nas mesmas imagens... (Referindo-se ao televisor)... e degustando as mesmas iguarias. (Aborda a mesa com a taça do brinde)... hoje... neste mesmo momento, toda a nação bebe o mesmo champanhe e come o mesmo peru...
- CIRILIO** - O pere do Grande Marcelo!
- MARGOT** - ... e à essa nação, à minha amada Parpurina eu ergo o meu brinde! Feliz Ano Novo, Parpurina!
- TODOS** - Feliz Ano Novo, Parpurina!
- KIRIAN** - Eu gostaria de erguer um brinde. Dizer que quando o estrupo é inevitável o melhor que se faz é relaxar e gozar... (Riso geral, mesmo os marginais que se entre olham ignorantes)...

... Neste momento eu gostaria de arquer um brinde a todos os intelectuais da nação que terão a incumbência, nestes quatro anos, de preservar a chama dos atos conscientes e da criação... aos artistas que terão que coexistir com a ordem e o petrificamento da criação... Felis Ano Novo, Porpurina!

TOCOS - Felis Ano Ano, Porpurina!

SANDRINA - (Levantando alto uma garrafa de champanhe). Póe se falar?... (Desselemento geral). Eu também quero dizer: "Felis Ano Novo, Porpurina!"

TOCOS - Felis Ano Novo!

VAMPIRO - Eu quero aproveitar a ocasião prá brindar prá moçada que não tá tão viva boa... depois a quatro ano não vão tá cheio de graça com as pedras do professor. Eu quero brindar as pedras do professor e a todo mundo. Felis Ano Novo!

TOCOS - Felis Ano Novo, Porpurina!

CESÁRIO - Como chego da residência... eu gostaria de arquer um brinde... um brinde aos nossos hóspedes. Antes, porém, eu gostaria de esclarecer algumas posições... em primeiro lugar eu quero dizer que não concordo com nada que está acontecendo, nem lá fora, nem aqui dentro... não concordo com nada! Mas uma coisa é certa... ninguém vai tocar na minha perna. Estas pedras são minhas. Mesas comigo e o grande Haroldo saberá. Esta nos todos sob controle. Em segundo lugar eu quero deixar claro que, depois do grande Haroldo, o ditador aqui sou eu. Terceiro... durante os próximos quatro anos... ninguém falará em pedras. Agora, um brinde aos nossos hóspedes... Felis Ano Novo!

TOCOS - Felis Ano Novo, Porpurina!

AMARELO - Eu também quero falar... eu só quero dizer que ao final... quando a guerra passar, eu vou querer falá das pedras... e Felis Ano Ano!

TOCOS - Felis Ano Novo!

RAE - Para a garantia de uma guerra feliz, eu guardarei as armas... e para Porpurina... minha pátria do coração... um Felis Ano Novo!

TOCOS - Feliz Ano Novo, Purpurina! (Alapassava geral).

SANDRINHA - (Muito alegre e animada, diante da mesa, com tanta fartura). Querem saber alguma coisa? (Ei, êxito total. Sandrinha encosta o peito e senteg via): - Esta guerra vai ser uma boa!

TOCOS - (Uníssono). Prá quem?! (Luz apaga ficando somente o televisor ligado que vai diminuindo de som e luminosidade lentamente).

F I M